

## Comunicação

### Jesualdo: um educador uruguaio em busca da expressão criadora

Adriana Rodrigues Didier

UNIRIO

didier.adriana@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho integra a pesquisa de doutorado em andamento sobre a *expressão criadora na educação musical*. Tem por objetivo compreender, através do pensamento do pedagogo uruguaio Jesualdo (1905 – 1982), os fundamentos do termo expressão criadora. Apresento neste texto uma reflexão apoiada em ideias contidas em sua obra *Vida de um professor*, escrito em 1935. Neste trabalho Jesualdo narra sua experiência numa escola rural do Uruguai, e começa a desenvolver o conceito de expressão criadora, que culminará em seu livro *A expressão criadora da criança*. Inicia, então, uma carreira literária que se torna uma referência no meio dos arte-educadores e especialistas em literatura infantil latino-americanos até a década de setenta do século passado.

**Palavras chave:** Jesualdo; educação, expressão criadora

Jesús Aldo Sosa mais conhecido como Jesualdo (1905-1982), é uruguaio da cidade de Tacuarembó. Aos 23 anos se muda para Colônia onde permaneceu por 7 anos como professor da escola Canteras de Riachelo. Esse artigo pretende trazer o olhar de Jesualdo sobre o início do processo que o levou à expressão criadora: o seu dia a dia na sala de aula como professor de crianças e pré-adolescentes (dez, onze e doze anos) em uma aldeia no interior do Uruguai descrito em seu livro *Vida de um professor*<sup>1</sup> escrito em 1935.

O conceito "expressão criadora" é muito amplo, mas delimitarei o termo no doutorado ao meu vínculo com a Educação Musical. Há uma variedade de termos na Educação Musical para denominar temas correlatos como criação e criatividade, mas, por consequência, no campo da música virou sinônimo de composição e improvisação. Busco neste momento, a origem deste termo usado por Jesualdo e a relação da educação musical com a expressão criadora.

---

<sup>1</sup> *Vida de un maestro*. Todas as traduções foram feitas pela própria pesquisadora.

Assim como no Brasil, os anos trinta do século XX no Uruguai foram bastante conturbados politicamente, e Jesualdo não só vivenciou profundamente essa experiência como relatou em seu diário severas críticas ao sistema, tanto à educação quanto à sociedade. Este, se tornou um exemplo de inspiração para os educadores latino-americanos. Sua experiência com os alunos e seu estudo permanente do que havia de mais contemporâneo em relação à educação e à psicologia, o levou a colocar no papel, registrando o que se tornou mais tarde um importantíssimo relato de experiência tornando-o bastante conhecido na América Latina até a década de 70.

Estudioso do movimento pedagógico da Escola Nova através do filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), Jesualdo valorizava, mas fazia muitas críticas a essa corrente. Com Dewey “todas as temáticas educativas tradicionais e os novos problemas atuais da sociedade industrial são relidos de maneira inovadora e orgânica” (CAMBI, 1999, p.535). Seu projeto de vida naquele momento era a transformação social e a emancipação dos que sofriam com o descaso do governo. Tinha seu projeto curricular baseado na expressão criadora. A liberdade, a autonomia e o estímulo a expressão foram sempre suas bandeiras. Absolutamente à frente do seu tempo, costumava ministrar aulas fora do ambiente escolar, passeando pelos arredores, visitando exposições e acampando com os alunos.

Esse educador altamente politizado, preocupado com seus alunos, filhos de camponeses, queria “dar um grito de alarme na sociedade que se move, trazer uma palavra de dúvida ao empregado burocratizado e, acima de tudo, insistir na falsidade em que a nossa escola cumpre a sua missão” (1947, p.11). Nos trechos que destaco, o leitor poderá ter uma ideia de sua vida na escola, das suas conversas com os amigos no bar, dos seus gritos revoltosos, da sua poesia e paixão pela expressão: a expressão criadora.

Em muitos momentos reforça sua solidão neste caminho da educação: “... as vezes, estou sozinho como um barco no mar” (JESUALDO, 1947, p.56). Sobre sua formação e graduação mostra preocupação com a sua luta:

Me graduei em um Instituto de Ensino, me desmascarei na dura luta, aprendi o sabor de mais de um pão. Porém... não tenho nada, não *tere*i nada que censurar a minha consciência? Não estou servindo, com certa passividade, a interesses

subalternos de uma sociedade *logrera*<sup>2</sup>? Tenho toda a valentia necessária para ficar sozinho – como hei de ficar -, se for necessário, no meio do deserto? (JESUALDO, 1947, p.19).

Escreve duras críticas à sua formação:

Saí fugindo desses Institutos onde fui ingenuamente fazer-me PROFESSOR e de onde saí desfeito, desarticulado, sem um centígrama de orientação, a cabeça cheia de vazios inoportunos e de absurdos ridículos. Todo isso não havia sido mais do que uma grande mentira. Não sabia nada sobre criança, não conheci meus deveres, tampouco não cheguei a saber sobre meus direitos. A única coisa que me legaram a força de exames, foi um conjunto frio de teorias e citações, que eles chamam enfaticamente de cultural!, porque nem afeto chegaram a criar em mim esses pedagogos, *forjadores* de professores, que se destroçavam cheios de veneno, uns aos outros e que, ainda agora, seguem embutindo teorias aos meninos, com a mesma indiferença que fizeram em mim ... (JESUALDO, 1947, p.55)<sup>3</sup>.

Em alguns momentos seus comentários trazem imagens poéticas, graciosas como: “Um tropel de ideias me zumbe na cabeça, como mil abelhinhas, agora, sobre o vidro da janela” (JESUALDO, 1947, p.19), e por vezes dolorosas, já que conhecia profundamente a situação dos seus alunos que sofrem com a fome e a exploração de trabalho das famílias:

Grupos de crianças vão passando na frente da minha casa para a escola. Isto não tem nada de sobrenatural. No entanto, vejo-os cruzar um pouco murchos como levando cada um, o bolso de dificuldades debaixo do jaleco (JESUALDO, 1947, p.22).

Primeiro Jesualdo trabalhou numa escola em Montevideú, onde sofreu muitas advertências, pois os inspetores "esses homenzinhos cruéis eram incansáveis em perseguir"(JESUALDO, 1947, p.55), e ainda por cima reclamavam que não queriam relatórios, nem relatos das experiências que ele fazia fora escola.

Sua reação natural era dizer: “Métodos, planos, modelos de lições, crítica, sistemas, que vão todos para o inferno!” (JESUALDO, 1947, p.54). Achou impossível continuar e um dia “saí

---

<sup>2</sup> Grifo do autor.

<sup>3</sup> Grifos do autor.

fugindo da capital (...) Saí fugindo, com nojo dessa escola, que é a mentira da escola do nosso país (JESUALDO,1947, p.55).

Depois de três anos de trabalho na escola, Jesualdo se irrita com alguns colegas que menosprezavam os propósitos de sua experiência, e diziam que não ia conseguir nada:

Há três anos que estamos lutando para que cada criança faça sua cultura e sua expressão de acordo com a sua natureza, conforme a sua necessidade, mas na verdade não em teoria, como a única possível para determinar sua personalidade em aproveitamento da própria coletividade. E isso antes que qualquer outra coisa. Individualismo? E você vai perceber através deste livro ... Não estou disposto a fazer escravos para apodrecerem. Prefiro fazer rebeldes contra qualquer escravidão (JESUALDO, 1947, p.52).

Ainda revoltado contra o sistema onde "os homenzinhos são obstinados no *cumprimento do dever*"(JESUALDO, 1947, p.52). E de qual dever está se referindo?

Da sistematização absurda de todos esses conhecimentos que me forçam a injetar numa criança que não os deseja, que não os sente, que não os necessita. Assim eu penso sobre a criança. Assim eu penso agora mais do que nunca (JESUALDO, 1947, p.52).

Jesualdo visitava muitas escolas do interior do Uruguai e quase sempre fazia duras críticas ao que via e ouvia. Perguntava às crianças o que faziam: —Fazemos cópia, ditado e algum problema (1947, p.124). Muito indignado, Jesualdo se pergunta: “E isto é uma escola? Pensei horrores. Porém olho a todos os ventos e vejo uma planície infinita, calma. Uma planície sem uma só árvore. Campo aberto, amplo campo; sem uma colina que distraia o pensamento” (1947, p.124). Jesualdo observa o professor, percebe seu sofrimento, e se emociona:

E me suponho aquele professor. Sozinho, triste, sem civilização alguma que lhe grite, desprovido do mais necessário para não morrer de fome, perdido, reduzido a umas galinhas e a uma chacinha, sem utilidade, sem alento, e me estremeço! Treme de medo. Quase choro frente a essa região desolada. Um nó terrível me prende a emoção junto a este homem quase miserável, heroico, a esse homenzinho que me fala chorando e fala custosamente cada palavra como trazendo-as de um abismo, para reprimir sua falta de força... (1947, p.125).

Em outra escola a professora autoritária se assusta quando Jesualdo pergunta qual era a participação da criança no centro de interesse “atacado de um ligeiro decrolyanismo”... (1947, p.132), fazendo referência à proposta de Decroly (1871-1932) onde os alunos escolhem o que querem aprender e constroem o próprio currículo, segundo sua curiosidade e sem a separação tradicional entre as disciplinas. Rapidamente a professora responde: —Nenhuma, senhor! Que esperança, senhor! Aqui tudo quem propõe sou eu... (1947, p.132). Ao sair da sala, Jesualdo ouve um berro: “—Menos barulho! Posição de classe, já!...” (1947, p.132), e se pergunta o que seria essa posição? Como ficariam as crianças depois dessa posição?

Esta máscara se deve: a falta absoluta de liberdade da criança. A intervenção prepotente do professor. Ao teorismo rebuscado do procedimento, mais ou menos engenhoso. A falta de conexão entre a criança orgânica, a criança psíquica e a criança espírito. A total ausência de uma vitalização social no desenvolvimento da vida da criança. Mas, acima de tudo, esse medo terrível de soltar o cometa, na expressão e no conceito. Tal é o que sugere a criança que quer explodir a cada instante e é parado pelo muro trágico da alma fria do professor, do livro, da realidade do procedimento ajustado a realidade do processo definido para ganhar quanto em tanto tempo (1947, p.132-133).

Conversando com um professor que demonstra sua preocupação com os desenhos de seus alunos, Jesualdo lhe aconselha a observação livre:

Não lhes sugira nunca nenhum tema. Deixe que eles observem, que eles sintam e que eles se expressem. (...) A criança sabe muito porque ignora todo esse conhecimento convencional que nos mantém sobre a terra como enganchados (...) porque não tem esse conhecimento, nem partiu dele, mas traz a essência da verdade que desconhecemos porque a perdemos ao ganhar esse conhecimento que nos fez perder a felicidade (1947, p.133).

Penso que aqui Jesualdo se refere à espontaneidade quando somos livres, sem as amarras do conhecimento que nos prendem às regras, aos conceitos e às verdades impostas.

Conversando com um professor sugere que “Liberte-o dos meios triviais dos lugares comuns” (1947, p.134). O lugar comum é o meio mais fácil.

E nessa próxima citação Jesualdo dá o exemplo da importância que dá sobre o professor escrever sobre sua experiência, mas antes responde quando lhe perguntam se os cadernos de lições poderiam ser considerados fraudes:

—Claro está. São fraudes, quando se faz delas, cadernos de lições como eles querem, porém não, se você faz dela o livro do professor... a síntese de sua luta diária, de suas descobertas, de seus erros, de sua alegria ou de sua entrega. Seu livro diário deve ser o reflexo fiel de sua vida entre esta gente humilde (1947, p.135).

Incentiva o professor a escrever suas experiências, acreditar sempre na sua emoção: “Não há linguagem, nem palavras especiais. Quando você conseguir deixar sua emoção viva com qualquer palavra, especialmente, quando você fala sobre sua luta, você fará seu grande livro de lições, de lições para eles...” (1947, p.135).

Critica os professores que ficam apenas reclamando: “o mártir, e que nada faz para abandonar esse martirologio... de tanto que lhe parece gostar dessa posição...” (JESUALDO, 1947, p.136). Revolta-se quando assiste cenas de abandono do estado aos mais necessitados e critica os pedagogos estrangeiros que parecem não conhecer essa realidade, e desabafa com a diretora Adela de uma das escolas visitadas:

Quem é que vai ensinar alguma coisa? O que lhes vou a ensinar, senhores Pedagogos? Vocês não poderão me obrigar a mentir para a criança... Que morram todos os ensinamentos encurralados. A realidade da vida é o ensinamento mais difícil, porém é único! Dalton<sup>4</sup>, Decroly, projetos, mentiras! Aqui é necessário comer! Aqui é necessário trabalho! (...) Como quer que os meninos trabalhem, Adela, se estão passando fome...? (JESUALDO, 1947, p.138).

Tinha confiança e entendia o tempo dos seus alunos e incentivava sua autonomia, por mais que às vezes tivesse grandes aborrecimentos, uma vez ficaram três dias desenhando e ao questioná-los disseram que estavam cumprindo parte do plano da semana: “O plano não apareceu, mas não duvido deles... (JESUALDO, 1947, p.56). Seus colegas acharam que os alunos ao desenharem estavam perdendo tempo, o que o irritou profundamente:

O tempo! O tempo! Deixe-me tranquilo, senhor, com o maldito tempo!... Não quero ganhá-lo, entende? NÃO QUERO GANHÁ-LO! Quero perde-lo. Ninguém

---

<sup>4</sup> Segundo o Plano Dalton, cada aluno programa o seu plano de estudos, de acordo com às suas necessidades, interesses e capacidades. E assim, promover a independência, a autoconfiança, melhorar as competências sociais dos alunos e o sentido de responsabilidade.

se dá conta que é necessário desaprender muito ainda, e perder um pouco do tempo ... para ganhar a vida (JESUALDO, 1947, p.56)<sup>5</sup>.

Uma vez valorizou o aluno losko que fabricava seu próprio aviãozinho pedindo que ensinasse a técnica a seu colega Alfonso. Seus olhos ficaram cheios de lágrimas ao ver o que seu colega tinha conseguido fazer era muito mais rico em detalhes, materiais e cores conseguido na oficina de seu pai. O seu era rústico, sem polimento, cortado com uma faquinha, e ninguém o tinha ensinado. Os colegas rapidamente começam a comparar e Jesualdo fala para a classe:

—Felicitos aos dois, lhes disse. Ambos são criadores e ambos têm razão. Você, losko, por sua observação, por sua ousadia, por sua engenhosidade com o material que conseguiu. E acima de tudo, por ter sido o primeiro em realizar a aventura... E você também Alfonso, por seu desejo de multiplicar os conhecimentos na prática, por sua habilidade para superar losko, por sua dedicação minuciosa para concretizar uma boa obra... (1947, p.144).

Percebendo a angústia de sua aluna sobre a idade, Jesualdo fala para a turma: “A juventude eterna está na criação. E como vocês são criadores serão sempre jovens” (JESUALDO, 1947, p.28-29). Continua a seguir: “Eu estou agora maior de corpo, porém tenho um problema com o tamanho da alma. Você não tem?” (JESUALDO, 1947, p.29).

Sobre Deus e fé, percebe-se que a sua família não era rígida, cristãos não católicos. Jesualdo se irritava com sua mãe, que apesar de não concordar com algumas coisas chamava os sacerdotes de padres: “Padre, por que? Eu tinha algumas notícias do pároco do povoado de que não era padre, primeiro porque não tinha filhos, ainda que se comentava que tinha sim” (1947, p.73).

Também se indignava quando ouvia na missa: “*Vocês os pecadores...* Pecadores? Minha mãe era pecadora? Minha irmã também? Minha professora, que acendeu a fé religiosa no povoado inteiro, e que era uma santa, era assim mesmo pecadora? (1947, p.73-74)<sup>6</sup>. Quando era criança, Jesualdo voltava para casa com a mãe e dizia que tinha medo do Deus, imaginando-o na

---

<sup>5</sup> Grifos do autor.

<sup>6</sup> Grifos do autor.

cruz, e a mãe chamava-o para rezar, mas ele continuava assustado pensando no sofrimento e voltava ao assunto, e a mãe dizia para continuarem rezando, mas as imagens não iam embora.

Mais tarde sua professora o chamava de ateu: “*Não crês em nada mais que em você mesmo. És soberbo e não humilde. Com a humildade é que vem a fé em Deus. Mas agora sei tudo isto que se pregava. Eu sei de outra maneira, felizmente*” (1947, p.76).

Sua postura frente à religião dita abertamente em sala de aula para seus alunos me chama bastante atenção pela verdade. Aqui sua opinião dita sem rodeios sobre a religião católica: “Comerciam com a boa fé, a ignorância e o temor do povo crédulo e esperançoso. A salvação de uma alma depende do valor de uma missa ou de um funeral” (JESUALDO, 1947, p.68). Mas Jesualdo pensava na educação naquela época de uma maneira mais liberta:

Quero que a criança seja alegre! Quero que dele saia um homem novo, com sua fé, com sua alegria. Quero que o homem seja alegre, profundamente alegre, porque encontrou o Deus em si mesmo, para ter segurança em sua vida e alegria na sua criação (1947, p.77).

E a beleza do seu discurso sobre a criação.

Eu sempre espero muito de vocês, porque vocês estão cheios de fé, e não religiosa, precisamente. Vocês têm, fé de ser e fazer. O princípio da criação está na fé. Por isso, percebo a criança como criadora. Negá-la como tal, não é um erro, é um absurdo. Porém esta sociedade para inculcar aquela outra fé, justamente destrói esta de suas criações. A criança cria, quando está plena de fé. Em toda criança existe dois gênios despertos, sempre. Um, para lidar com as coisas externas, com as coisas reivindicadas pelos sentidos. E outro que se relaciona com tudo o que vocês SENTEM dentro. Estes dois gênios estão ligados por um simples *eu vou brincar?* ... Aqui então começa a tortura, por isso que a brincadeira não é a consequência do animador, como dizem tantos psicólogos, a brincadeira, e a criança são os mesmos. Este último é criativo. Quando se satisfaz o primeiro e vocês livremente deixam sair livremente o segundo, aparece a *criação*, aparece a verdadeira criança como consequência, em princípio, da fé em si mesmo.

- Então, tudo é criação? – pergunta voraz, Adelaida.

- ... tudo *pode ser* criação ... (JESUALDO, 1947, p.33).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Grifos do autor.

Numa conversa sobre o que é ser original, Jesualdo explica para um aluno que dizia não entender nada disso. “O que você achava que eram as estrelas, quando não tínhamos estudado sobre elas? O aluno responde que acreditava que eram olhos de gatos e que variavam dependendo do tamanho dos olhos do gato. A classe toda riu com essa resposta e Jesualdo explica:

Isso já é *original* nos conceitos formais das coisas. Se você pensasse como as outras crianças pensaram, não seria ORIGINAL. Porém como você formou um conceito diferente deles, e tão aceitável para sua lógica, como os deles para as suas, e como, além disso, você se expressou com uma expressão diferente e própria deu uma nota de certa originalidade... (JESUALDO, 1947, p.35-36)<sup>8</sup>.

Sua resposta causou um grande reboliço na turma que começaram a perguntar mais, ao que Jesualdo responde:

Original é o criador, camaradas (...) O fundamental é não se repetir sobre o padrão do dito ou feito, mas ser tão fresco como as ervas da natureza, que sempre ostentam um matiz novo para não cansar os olhos. Quando aparece a repetição, aparece a vulgaridade e se deixa de ser original... .... (JESUALDO, 1947, p.36).

Muitas vezes os alunos se sentem inseguros com as habilidades que pensam não ter como, por exemplo: dançar. Jesualdo estimula muitas as atuações espontâneas e descreve aqui sua aluna que ensaia para uma apresentação: “Adelaida canta, dança, anima, como possuidora de uma força sobrenatural, de uma força além da terra, de que é, sem dúvida uma filha maravilhosa” (JESUALDO, 1947, p.62). Mas um menino insiste que não sabe dançar, tem vergonha e acha que todos vão rir dele. Jesualdo argumenta que não tem professor de dança ali e que se existisse talvez perderiam esta oportunidade e o provoca: “Somos nós que temos desejos de nos mover. Você não tem movimentos dentro do seu corpo? Quando ouve música, não te dá desejo de sair fazendo contorções?” (JESUALDO, 1947, p.62), mas o menino responde que às vezes se sacode, que é duro e que existe um modo de dançar que não sabe. Jesualdo

---

<sup>8</sup> Grifos do autor.

rebate e lembra-o da sua dificuldade antiga em desenhar. Aproveita e faz uma crítica às maneiras e as teorias dizendo:

Não existem *maneiras* para fazer nada. As maneiras, e pior ainda *as más maneiras* (as dos professores, quase sempre), são as que se opõem as realizações. Jogue ao diabo essa maneira e verá ... Faça sua festa, sua dança, com seus ritmos, com seus pés, com seu corpo. Não aconteceu com você a mesma coisa que com o desenho? E agora quem ensina os segredos da composição, mesclar ou desenhar com cores? (JESUALDO, 1947, p.62-63).

Num bar em Montevideu, Jesualdo conta a seus amigos artistas sobre os textos de seus alunos, mas os amigos menosprezam e dizem que provavelmente ele deve corrigir e assim sofrem influência do professor. A liberdade de expressão era uma questão de ordem para Jesualdo:

Quem assim não aceita nada e encontrou erros em todos os conceitos da criança, é um *amigo* escritor. Nunca esteve perto de uma criança. Nunca viu aqui, na nossa escolinha, a verdade da questão. Nunca se preocupou em observar em qualquer criança as inúmeras perguntas extraordinárias que faz em nome da sua necessidade de análises ou de sínteses. Mas era difícil acreditar que a criança poderia ser tão plena de conceitos e sobre tudo que os produzia assim, sem qualquer artificialismo. Era demasiado, para ele, que era escritor... A discussão se generalizou. Os outros defenderam a criança que vibrava pura e ingênua em todos seus pensamentos (1947, p.93)<sup>9</sup>.

A discussão no bar segue, Jesualdo defende o aluno cujo texto foi lido pelos amigos “Ninguém lhe incitava a escrever mais do que era necessário escolarmente. E aí você o tem, fazendo poemas que não seriam feitos melhor que nenhum dos poetas que estão aqui, em sínteses e em emoção (1947, p.94). Mais uma vez discordam e desconfiam já que o texto original tem muitos erros de ortografia e uma caligrafia horrível. Lhes parece impossível. Quase jogando uma cadeira em cima deles, grita Jesualdo:

—Isto não será nada, se vocês querem! Não servirá para nada... Se descobrirá um mundo igual a um tesouro pesado e impróprio que para carregar com ele será necessário enterra-lo de novo na areia de alguma ilha. Sim, será assim, se

---

<sup>9</sup> Grifos do autor.

vocês querem! Porém não posso aceitar nunca essa dúvida fria, sobre a criação da criança livre (1947, p.94).

As críticas continuam e dizem que ele tem alunos com aptidões especiais num ambiente especial, e mais uma vez Jesualdo desabafa irritado:

Não!, lhes respondi. Todas as crianças são assim normalmente e não podem ser de outra maneira. Somos nós, os adultos, que obstruímos as vias de suas almas. Dentro de trinta ou quarenta anos, nossa educação será qualificada de bárbara apesar da higiene, dos belos prédios, dos programas, dos professores discípulos de Herbart, dos inspetores, dos exames, etcetera (1947, p.96).

Apesar da grande contribuição do alemão Herbart (1776-1841), Jesualdo assim como Dewey, critica à doutrina e seu conjunto de regras imposto de fora, sem diálogo entre professor e aluno e com aulas que obedeciam a esquemas rígidos e preestabelecidos. Para Fonterrada (2008) “de Herbart derivam as preocupações com a metodologia de ensino, que se intensificaram a partir do século XIX”.

Juan poeta amigo de Jesualdo foi passar uns dias na escola. Observou os alunos planejando, criando, esculpindo no barro. No final da estada, entre muitas palavras escritas no diário do professor, destaco o final: “Faz falta que todos os professores sejam poetas como você, porque a criança se salva sozinha como criatura eterna é necessário salvar o professor que é quem está perdido” (JESUALDO, 1947, p.102).

Sobre os planos de trabalho destaco esta fala de Jesualdo preocupado:

Tenho que anotar a esta altura do ano, quase dois meses de trabalho, o difícil que tem sido associar o ensino com a constante aparição dos interesses atuais dos camaradas, os que nos propusemos respeitar (...) E assim fomos buscando as uniões desses planos em que vive a criança sem se dar conta. Eu tenho interesse em que eles unam suas aquisições e não eu. Não se dedique no que não lhe importa na sua vida, mas que determine as projeções de suas necessidades; que una o orgânico com o espiritual e que justifique o que realiza ou deva realizar (1947, p.110).

Tiro do prefácio da primeira edição de 1935, este desabafo de Jesualdo dedicado à sua esposa María Cristina, também diretora da escola: “E anotando cada dia em nossos cadernos de lições

estas pequenas cenas, para repetirmo-las uma vez mais e para tratar de fazer deste trabalho não servidão, mas criação, o único direito que não nos podem negar” (JESUALDO, 1947, p.14).

Terminada a leitura deste seu diário de 1935, me dedicarei agora ao seu livro *A expressão criadora da criança* editado em 1950. Como educadora musical absolutamente comprometida com a expressão criadora darei continuidade a minha pesquisa investigando sobre a expressão criadora no processo de formação do educador musical.

## Referências

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

JESUALDO. *Vida de un maestro*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1947. 3ª.edição.

\_\_\_\_\_. *La expresión creadora del niño*. Buenos Aires: Editorial Pseudon, 1950.